



COLUNA DO CASTELLO

CARLOS CASTELLO BRANCO

Política econômica em processo de mudança

O presidente Itamar Franco atendeu certamente ao desejo dos ministros Paulo Haddad e Gustavo Krause ao autorizá-los a suspender a viagem programada aos Estados Unidos para um acerto de contas com o FMI. Os gestores da economia e das finanças do país não teriam na realidade o que dizer a um interlocutor a quem seus antecessores haviam prometido aprovação de ajuste fiscal ainda este ano, manutenção das tarifas acima da inflação, continuação do programa de privatizações e controle da inflação por via monetária enquanto não se dispusesse de instrumento melhor para fazê-lo.

Os ministros ficam em Brasília para ajudar na aprovação do projeto de ajuste fiscal, agora formalmente rejeitado pelo PSDB e pelo PDS, além de ser objeto de críticas generalizadas no Congresso. Essa pelo menos é a versão oficial. Admite-se, no entanto, que o desgosto dos ministros da área econômica com as discordâncias manifestas do presidente da República com seu projeto de programa, coroamento do repúdio ostensivo a princípios que parecem caros aos dois ministros, tornam inevitável sua saída do governo. Ambos permaneceriam no posto até a conclusão do *impeachment*, quando se abre oportunidade para a formação de uma equipe mais ajustada à inspiração social de Itamar.

Quando formou sua equipe inicial, o presidente em exercício parece ter tido a preocupação de encontrar pessoas com idéias próximas das defendidas por Marcílio Marques Moreira e seus assessores, para afastar impressão de mudanças drásticas na condução da economia, sinalizando para o mercado interno e sobretudo para o mercado externo a continuidade da política neoliberal. A singularidade da sua escolha esteve na origem dos dois ministros. Deslocou do Centro-Sul para o Nordeste o comando da Fazenda e transferiu o Planejamento para o *campus* universitário de Belo Horizonte.

Itamar deve ter alimentado a ilusão de que o professor Paulo Haddad o ajudaria a enquadrar a modernidade nos limites de uma política social mais humana, mas o compromisso acadêmico sobrepujou a vocação samaritana (de que nos fala Delfim Neto) que o presidente lobrigou nas poucas aulas que recebera antes de Haddad. O ministro também entende que a solução não está no atendimento a curto pra-

zo de déficits sociais somente atendíveis como resultado final de políticas que exigem sacrifícios imediatos.

Na medida em que se afirma no governo, Itamar sente necessidade de ter a equipe ajustada aos seus sentimentos e ao seu entendimento de economia por menos sofisticado que este se apresente. Claro que não pensaria em trocar de ministros. Gostaria apenas de tê-los afinados com sua sensibilidade a qual não admite que mesmo a curto prazo se exijam mais sacrifícios da população. A esta altura, no entanto, são escassas as possibilidades de permanência de ministros que sequer podem viajar para o exterior tal a insegurança de que iriam lá fora falar em nome do governo. A qualquer momento uma frase do presidente poderia paralisá-los.

Em Brasília também sabem Haddad e Krause que dificilmente conseguirão vencer resistências no Congresso ao projeto de ajuste fiscal, sobretudo na parte em que isso exige aprovação de emenda constitucional. As idéias principais do ajuste são repelidas pelos economistas do PSDB e do PDS, influentes o bastante para bloquear acordos de caráter tipicamente político, como o que está sendo patrocinado pelos presidentes do Senado e da Câmara e por seus líderes. Por mais que procure dizer que aprova em substância a política dos seus ministros a que faz apenas sugestões circunstanciais, o fato é que a insistência de Itamar em não se privar das suas preocupações com a miséria leva inevitavelmente não só a novos executores da política econômica como até mesmo a novos formuladores.

As expectativas internas e externas de mudanças apenas insinuadas no processo atual vão se tornando mais densas. O adiamento para janeiro das negociações com o FMI terá efeito quase imediato na medida em que seja tomado como um sintoma capaz de desestimular os investimentos políticos na integração da economia brasileira na economia mundial de mercado. Não se sabe ainda se isso corresponde à intenção do presidente ou se se trata de efeito preterintencional. Se isso está certo ou se está errado é tema para os especialistas e para avaliação do próprio presidente, que certamente estará consciente da dimensão de opções que lhe cabe fazer como chefe de governo. Itamar Franco certamente estará preparado para o rude embate em que está se metendo.